

I

II

OS MUSEUS DO BRASIL  
E  
SEUS RECURSOS EDUCATIVOS

III  
IV

# OS MUSEUS DO BRASIL E SEUS RECURSOS EDUCATIVOS

REPERTÓRIO SISTEMÁTICO

PCR

GUY DE HOLLANDA

*com a colaboração  
da*

ORGANIZAÇÃO NACIONAL DO ICOM  
E DA

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO  
HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

RIO DE JANEIRO

CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS  
ORGANIZAÇÃO NACIONAL DO ICOM

1958

## NOTA PRÉVIA

Nenhum educador ignora a riqueza de recursos educativos que podem proporcionar os Museus, quando deixam de ser "necrópoles", como é freqüente entre nós e alhures. Ao deixar a direção dos Museus de França, Georges Salles, dizia numa entrevista, há pouco: "Le mot "musée" était devenu synonyme de nécropole. Le musée s'était classé en marge de la vie, comme une institution de seule préservation, un conservatoire où les choses n'étaient placées que pour échapper aux vicissitudes de l'existence, et désormais vouées à l'inaction". E o eminente Conservador muito fez, em seu país, para transformar o "museu-necrópole" em "museu-teatro", isto é, torná-lo "un instrument destiné à faire vivre l'objet, à le mettre en action, à le douer de mouvement et à le projeter dans l'actualité". Sem dúvida, os conservadores brasileiros não ficaram insensíveis ao movimento internacional de renovação esposado pelo ICOM (International Council of Museums) e que muito deve a Georges Salles. No Primeiro Congresso Nacional de Museus, realizado, há dois anos, em Ouro Preto, tivemos a oportunidade de examinar e discutir, na qualidade de relator da Comissão de Educação, várias monografias, que versavam sobre a utilização mais ampla e eficás dos recursos educativos, inseparáveis do próprio conceito de Museu e existentes, potencialmente, mesmo nos "museus-necrópoles". O problema das "visitas-guiadas", de capital

importância para o cumprimento da missão educativa dos museus, despertou vivo interesse, evidenciando a necessidade urgente de maior colaboração entre êstes e os educadores. Com efeito, cabe perguntar: serão mesmo educativas a maioria das "visitas-guiadas", como se fazem aqui e em outras partes?

Por ocasião da Semana Internacional dos Museus (1956), observava Grace Morley: "Those unfamiliar with the field of education, even in the profession, have had, only occasionally, reason to realize that it has more to offer than the hunderum gallery tour on the children's class" (1). Há trinta anos, escreveu Roquette-Pinto: "Tenho, por curiosidade, assistido ao desandar de algumas escolas pelas galerias do Museu Nacional. Que tristeza! Todo mundo vai andando, vai olhando, vai passando... como um fio d'água passa numa lâmina de vidro engordurada" (2).

A UNESCO, através da sua Divisão de Museus e Monumentos, vem desenvolvendo, quer pela publicação da revista "Museum" e de "com News", ou ainda mediante seminários internacionais ou de âmbito regional, um apreciável esforço no sentido da divulgação e aplicação das mais modernas técnicas museográficas, cujo corolário deve ser o pleno aproveitamento, pela comunidade, em todos os níveis da educação — desde a de base, nos países sub-desenvolvidos, — dos Museus. Daí ter sido programado um Seminário Latino-Americano, a realizar-se em setembro próximo

---

(1) *Museums today and tomorrow*. MUSEUM. Vol. X, nº 4, 1957 p. 241.

(2) *Apud* Edgard Süsssekind de Mendonça, *A extensão cultural nos Museus*, PUBLICAÇÕES AVULSAS DO MUSEU NACIONAL, nº 2, 1946, p. 54.

no Rio de Janeiro, e que versará sobre o uso mais amplo dos museus na comunidade, por meio da organização e apresentação das suas coleções para fins educativos.

Com o propósito de planejar este estágio de estudos, veio ao Brasil, no princípio do ano passado, o próprio Chefe da Divisão de Museus e Monumentos da UNESCO Sr. J. K. Van der Haagen. Numa das reuniões levadas a efeito com um grupo de conservadores (Museus de História e Arte), naturalistas e educadores, o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais propôs que a Divisão de Museus e Monumentos da UNESCO solicitasse dos países que participassem do Seminário a realização de um levantamento das coleções dos respectivos museus, públicos e particulares, (com o registro dos dados históricos, pessoal técnico e administrativo, pesquisas, catálogos e publicações, etc.), assim como um estudo do funcionamento dos seus serviços educativos, regime de visitas (livres ou programadas), utilização pela comunidade, etc.. Seria consagrada particular atenção à análise dos meios atuais de divulgação de que se beneficiam os museus (catálogos, folhetos, reproduções, fotografias, diafilmes e diapositivos, filmes, rádio, televisão etc.). Finalmente, viriam sugestões, baseadas no levantamento, e visando a melhor organização e apresentação das coleções dos museus para fins educativos.

No caso do Brasil, esse levantamento poderia ser confiado a uma comissão integrada por naturalistas, antropólogos, conservadores de museus de história e arte e educadores.

Evidentemente, tal levantamento exigiria, as mais das vezes, visitas dos membros da Comissão aos Museus Brasileiros. Cogitara-se de que um educador acom-

panhasse sempre o naturalista, antropólogo ou conservador, que os visitasse, afim de ficar assegurada a conjugação dos critérios científico e educativo na análise do seu acervo e funcionamento. Contingências imprevisíveis impossibilitaram surtisse efeito êsse projeto.

Ora, a carência quase absoluta de material informativo adequado concernente aos Museus Brasileiros constitui um sério obstáculo à sua utilização pelos educadores, que, freqüentemente, não os conhecem sequer. Por isto, houve por bem o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) publicar um repertório sistemático, baseado, essencialmente, nas respostas ao questionário, que enviou a todas as instituições consideradas Museus, de acôrdo com listas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), da ONICOM (Organização Nacional do ICOM) e da DPHAN (Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Quem firma estas linhas, julgou, ao aceitar a incumbência da elaboração do Repertório, que os êrros e as lacunas do mesmo seriam, suficientemente, compensadas pela sua utilidade imediata, pois, estando esgotado o trabalho "Museums of Brazil" de D. Heloisa Alberto Torres, de nenhum repertório de museus dispunham os professores do ensino primário e médio. Com efeito, poucas são as instituições, mesmo as mais importantes do País, que editam guias ou — o que vem a dar na mesma — os reeditam, quando se esgotam.

O questionário reproduziu, com ínfimas variantes, o modelo que nos foi, gentilmente, enviado pelo Sr. Van der Haagen, assim como seguimos também, com ligeiras modificações, as rubricas e a disposição tipográfica que nos aconselhou.

Embora expedida em outubro de 1957 e especificasse que as respostas ao questionário se destinavam

à redação de um volume a ser brevemente publicado, a maioria dos Museus não respondeu logo à circular do CBPE. Em abril de 1958, foi reiterada, anunciando-se, então, a data da publicação e as suas características. Receberam-se, nos meses seguintes, um número apreciável de questionários preenchidos. Ainda assim, foi mistér recorrer aos dados compilados pela DPHAN em época anterior, pois a consulta direta do Arquivo houvera demorado, demasiadamente, a elaboração do Livro, que devia ficar concluída em fins de maio, afim de permitir fôsse impresso antes da realização do Seminário de Museus. Com efeito, cumpria pôr nas mãos dos membros deste, uma documentação básica com respeito ao Brasil. Não obstante, em alguns casos (Museu Histórico do Piauí), utilizamos o valioso Arquivo da DPHAN.

Muito nos valeu a constante gentileza e solicitude de D. Heloisa Alberto Torres, que não somente nos franqueou os elementos existentes na ONICOM, mas também encarregou uma comissão de conservadores de completar a nossa coleta de dados. O Conservador A. Rusins coligiu, pessoalmente, as informações que inserimos sôbre os Museus da Secção de Tecnologia do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura e do Instituto Médico-Legal do Rio de Janeiro. Igual tarefa coube ao Sr. F. dos Santos Trigueiros quanto aos Museus da Imprensa Nacional e Rádio Nacional. A Conservadora Lygia Martins Costa cedeu-nos apontamentos seus relativos ao acêrvo dos Museus de Arte ~~Arte Moderna~~ de São Paulo, que aproveitamos. A Conservadora Regina M. Real devemos os dados que dizem respeito aos Museus do Monumento aos Heróis da Laguna e Dourados e da Venerável Ordem Terceira de N. S. do Carmo. Os Conservadores acima citados

e as Conservadoras Elza Ramos Peixoto e Octavia Correia dos Santos Oliveira verificaram, no Distrito Federal, a exata situação de alguns museus em organização, reorganização ou extintos.

O Dr. Rodrigo Mello Franco de Andrade não se limitou a pôr à nossa disposição a documentação da DPHAN, porém, encarregou o Conservador Rusins da redação de notícias descritivas dos Museus subordinados àquela diretoria (Casas dos Ottoin e de Victor Meirelles, Museu do Ouro, Diamante, das Bandeiras, Missões e Histórico de São João Del Rei). E nos permitiu utilizar, para a ilustração, a rica coleção fotográfica do Patrimônio.

Nos Estados, encontramos, também, alguns colaboradores prestimosos. A Dante de Laytano, Diretor do Museu Júlio de Castilhos, ficamos gratos por suas informações, que não se limitaram àquela instituição, porém, abrangeram vários museus rio-grandenses, complementando, oportunamente, a monografia que apresentara, a êsse respeito, em 1956, ao Primeiro Congresso Nacional de Museus. O Professor Eloy Coelho Netto, Secretário de Educação do Maranhão, que nos cumulou de atenções, quando visitamos São Luís em fevereiro do corrente ano, providenciou a remessa de dados sôbre o acêrvo dos Museus da Biblioteca Pública e Pio XII, bem como da Pinacoteca do Palácio do Governo. Em Sergipe, o Sr. José Augusto Garcez, que tanto se empenhou pelo desenvolvimento cultural do seu Estado, foi informante solícito no tocante aos museus locais.

Incluimos os nomes de uma vintena de museus, omitindo informações sôbre o seu acêrvo ou mesmo limitando-nos a incluir seus nomes, porque uns estão em organização ou reorganização, outros, além de não



responderem ao questionário, são pouco visitados ou de interesse restrito a alguns especialistas. Não se justificava, neste último caso, procurar preencher essa lacuna, recorrendo a outras fontes, que não as existentes na DPHAN e ONICOM.

De modo geral, parece-nos que há exagêro em fazer do Correio o bôde expiatório da falta de disposição de muitas instituições em responderem aos pedidos de informação que se lhes dirigem. Mesmo quando foram corretamente endereçados e houve reiteração da correspondência. Comprovamos aliás que, algumas vezes, a 1.<sup>a</sup> circular fôra recebida pelo museu que, ao responder à 2.<sup>a</sup>, alegava não ter recebido aquela...

Deixamos para outro volume os museus escolares e dos Institutos de Ensino Superior. Eliminamos vários museus que, apesar de figurarem nas mais recentes listas do IBGE, desapareceram ou jamais passaram de exposições efêmeras ou ainda projetos. Devem ter escapado ao nosso registro uma dezena de instituições, mas tal falha é preferível à inclusão de "museus fantasmas".

Convém insistir no fato de que procuramos seguir o mais fielmente possível as respostas dadas ao questionário, ressalvada a eventual correção de enganos demasiado evidentes. Não há, nem poderia haver assim, uma correlação entre a importância de um Museu e o número de páginas que lhe correspondem. Alguns museus, dos principais do País, pecaram, ao nosso ver, por modéstia excessiva, respondendo muito lacônicamente. Em um caso, solicitou-se — inutilmente aliás — uma ampliação da resposta.

Foi proposital o havermos consagrado aos pequenos museus municipais e particulares um espaço, que

pode parecer desproporcionado à importância do seu acervo. É que a finalidade deste repertório vem a ser, antes de tudo, promover a utilização dos recursos educativos latentes em todo e qualquer Museu. Fruto da iniciativa privada ou de sua valiosa colaboração com as autoridades do Município, o pequeno museu local luta com as maiores dificuldades técnicas e financeiras. No entanto, poderia ser o melhor instrumento de educação artística e contacto com o mundo da natureza e a cultura humana. Se fôra questão de prioridade os museus locais deveriam tê-la sobre as bibliotecas. Aliás, experiências levadas a efeito, pela UNESCO, no campo da educação de base, demonstraram o muito que poderão contribuir para esta, o que não é, no entanto, senão uma de suas muitas possibilidades educativas. Mas, para isto, é preciso que deixem de ser meros amontoados de "curiosidades" e, mediante uma renovação da apresentação museográfica das coleções, incitem o magistério da escola primária e média a integrá-los na sua tarefa educativa. Daí a conveniência de lhe proporcionar um melhor conhecimento dos museus das comunidades nas quais desempenha suas atividades profissionais.

Haverá quem estranhe o título "Recursos Educativos dos Museus Brasileiros", lembrando que contados são os museus que, no Brasil, algo fazem, intencionalmente e com a indispensável continuidade, pela educação do nosso povo. Dirá que merecem ser citados como tais, além dos museus de saúde, talvez apenas o Museu Nacional do Rio de Janeiro, o do Índio, os de Arte e Arte Moderna de São Paulo, e o de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Os demais ocupar-se-iam, ocasionalmente, de fins educativos, seja por falta de recursos financeiros ou de pessoal capacitado, ou porque são

do tipo "necrópole", quer ainda, por não desejar o seu corpo técnico roubar tempo às suas pesquisas. Mais de que pronunciarmo-nos ao respeito, preferimos voltar a repetir: todo e qualquer museu encerra em seu acervo valiosos recursos educativos e cabe aos seus técnicos e aos educadores fazer que se rompa o envoltório da crisálida e entre, assim, nova vida nos recintos, que ao leigo parecem "conservar" cousas num silêncio mortuário.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1958.

GUY DE HOLLANDA